

EVOCAÇÃO DA TRAGÉDIA MARÍTIMA DE 27 DE FEVEREIRO DE 1892

MEMÓRIA COLECTIVA QUE O TEMPO NÃO APAGOU

Por MANUEL LOPES

Data alguma entre as mais impressivas e demarcantes da história local – **Outorgação dos Forais, Dionisino e Manuelino** (9.Março.1308/25.Nov.1514); **Criação da Comarca** (16.Junho.1875) e **Elevação da Póvoa a Cidade** (16.Junho.1973) – sobrevive, inteira e nítida, na memória colectiva da comunidade poveira. E mais sumidos e enevoados são ainda os rastos das balizas cronológicas respeitantes às biografias dos nossos homens mais ilustres!

Data imperecível, como que gravada a fogo vivo na **memória poveira**, só esta: **27 de Fevereiro de 1892**. Quase sempre referido sem a menção do ano, que bem basta o dia e o mês aziago para reacender a angústia de uma tragédia que vestiu de longo e pesado luto a nossa colmeia piscatória.

Um doloroso acontecimento que foi tecendo, geração em geração, um profundo sentimento trágico e um consciente e respeitoso temor pelo Mar amado, ainda hoje presente na memória e nas vivências quotidianas dos nossos pescadores.

Evocação gerada por múltiplas reminiscências onde o tempo vivido e os testemunhos herdados e transmitidos por tradição assumem um carácter mítico, que a imaginação e a realidade confrontam e transfiguram.

Numa sociedade desta natureza, onde tudo parece ter mudado e movido ao longo de algumas décadas, o passado persiste através de certas práticas fundamentais (processos de interacção social) – **cooperação e a troca, a solidariedade, o culto dos mortos - e de um sistema de pensamento que permanece, em qualquer momento, igual a si próprio. Tais comportamentos colectivos, produzidos graças às “memória do homem”, têm como objectivo consolidar o grupo mas, cada vez mais, a sua função é a de ligar de novo o presente ao passado (...). A memória colectiva actua segundo um movimento cíclico que tende constantemente a reencontrar a permanência, recriar o imutável e o imemorial e construir, deste modo, a sua própria duração** (Françoise Zonabend, 1980).

A evocação da **Tragédia Marítima de 27 de Fevereiro de 1892** tem cruzado a escrita de **Alberto Pimentel**, 1892-1893; **Bento Martins**, 1892; **Augusto Forjaz**, 1892; **João Huss**, 1892; **Joaquim Alves Mateus**, 1892; **Afonso Soares**, 1893; **Santos Graça**, 1932/1952; **Viriato Barbosa**, 1973; **José de Azevedo**, 1972; **Óscar Figueiro**, 1987. Um trabalho de investigação e registo sistemático do que foi este trágico sucesso pode e deve fazer-se em altura própria e oportuna. Tentaremos aqui, através do texto e da imagem, reavivar e redescobrir os sedimentos constituídos pela documentação histórica e literária, cultura e tradições culturais que, passado um século, suportam e alimentam ainda a nossa memória colectiva.

Neste contexto, uma das narrativas mais expressivas, pelo recorte literário e pela contensão e equilíbrio rítmico das palavras, deve-se a **Santos Graça**, em 1952, quando descreve o dramático desaparecimento de **mestre João Praga**, morte por inibição que, tal como a de **José Rodrigues Maio**, o “**Cego do Maio**”, aguardam o interesse dos investigadores da nossa etnopsiquiatria.

A **Tragédia de 27 de Fevereiro** nem sequer é individualizada por **Santos Graça** na sua “**Epopeia dos humildes**”. Refere-se apenas na introdução, mas é tamanha a força de tão pungente lembrança que os poucos parágrafos que escreveu constituem uma das páginas mais comoventes dessa inolvidável **História Trágico-Marítima dos Poveiros**.(...)

LOPES, Manuel – Evocação da tragédia marítima de 27 de Fevereiro de 1892. **Póvoa de Varzim Boletim Cultural**. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, Vol. XXIX, nºs 1 e 2 (1992). 35 p. Separata.

A TRAGÉDIA DO DIA 27 DE FEVEREIRO DE 1892

Por A. SANTOS GRAÇA

A tragédia de 27 de Fevereiro de 1892, fez mergulhar em negro o garrido trajar poveiro. Não houve lar onde não entrasse o luto. Heroicidade, abnegação, de tudo houve nesse dia de angústia! A tempestade surpreendeu as lanchas no mar da **Cartola** a sudoeste de Aveiro. Duas lanchas, a do **tio Praga** e a do **tio Jéque**, caminhavam a par, apenas com uma **latina**, a caminho do norte. Tinham que seguir como Deus fosse servido, porque não havia força humana que as pudesse desviar do seu curso tempestuoso. Sem um minuto de descanso, os homens das companhas esforçavam-se para deitar fora a água, que as vagas alterosas teimavam em atirar para dentro das embarcações. Os mestres eram compadres e amigos. As companhas afoitavam-se mutuamente para não esmorecerem. Mas uma – a do mestre Jéque – pelas alturas de Esposende, encheu-se de água e soçobra; a outra tenta, mas não pode acudir-lhe. É o mestre da que naufraga que grita:

– “**Não tentes o socorro, compadre, que morreis todos. Deus te guie e leve a salvamento! Leva o último adeus para as nossas mulheres e nossos filhos! Até à eternidade, compadre!**”

O velho mestre João Praga levantou a mão num gesto de despedida mas não respondeu. Duas lágrimas rolaram-lhe pela face – mas ninguém mais lhe ouviu uma palavra. Leme bem firme, todo o dia e toda a noite até ao alvorecer do dia seguinte, em que entrou em Vila Garcia, na Espanha. Salvou a companha. Dois dias depois chegava à Póvoa, de comboio. Após a tragédia nunca mais comeu, nunca mais falou. Oito dias depois da sua chegada – morria! A Grande dor de não poder salvar – matou-o!...

GRAÇA, António dos Santos – **Epopeia dos humildes: para a história trágico-marítima dos poveiros**. 2ª Edição integral. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 2005. Pp. 8-9. (Na linha do horizonte – biblioteca poveira; 10). ISBN 972-9146-35-7.



Biblioteca Municipal Rocha Peixoto
Rua Padre Afonso Soares
4490-664 Póvoa de Varzim
Telefone: +351 252 616 000 / Fax: +351 252 617 069
E-mail: biblioteca@cm-pvarzim.pt
Website: <http://www.cm-pvarzim.pt/biblioteca>

Ficha Técnica:
Coordenação editorial: Manuel Costa
Pesquisa: Fernanda Trovão
Grafismo: Joana Santos

NAUFRÁGIO

27 DE FEVEREIRO DE 1892

Póvoa de Varzim e Vilagarcía de Arousa unidas na evocação da tragédia



SUPPLICA

NO DIA 27 DE FEVEREIRO, 1892

UM medonho e terrível temporal se desencadeou na nossa costa, apanhando toda a pescaria da **POVOA DE VARZIM** no meio do mar, e, accossando-a ceitou 105 pescadores que a dois passos da terra morreram no meio das vagas encapelladas e cyclopias. **Pede-se às almas boas e generosas que, pelo eterno descanso DAS ALMAS D'ESSES POBRES MARTYRES do trabalho, rezem um PADRE NOSSO E AVE-MARIA para que ellas peçam a Deus Nosso Senhor por todas aquellas caritativas pessoas que de tão boa vontade deram suas esmolas para suavizar os horrores da fome e da miseria, a viuvez e a orphandade desprotegida.**

Ficou a Póvoa de luto,
Pelo horror da tempestade,
Mas caiu do ceu um fructo,
Balsamo e Amor—CARIDADE!

Quando a gente, suspirosa,
Chorava com tanta dor,
Bemdzia, lacrimosa,
Esse fructo do Senhor.

Que Jesus cubra de bençãos
Quem suas esmolas deu;
E a todos esses christãos,
Lhes dê um lugar no céu.

G. A. Landolt

A Voz da Póvoa. José de Azevedo, dir. Póvoa de Varzim: SOPETE, Ano V, nº193 (28 Feb 1985), capa.

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assinatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º de entrega	15.º Anno — XV Volume — N.º 476	Redacção — Atelier de Gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 1
Portugal (franco de porte, m. forte)	38000	16900	9950	3120	11 DE MARÇO DE 1892	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)	48000	26000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	58000	26500	—	—		

OS NAUFRAGIOS NO NORTE



NA POVOA DE VARZIM — O DIA 27 DE FEVEREIRO
(Desenho de A. Silva)

A INDEPENDENCIA

LIBERDADE E JUSTICA Redactor e editor, Conde Augusto Landell. INSTRUCCAO E PROGRESSO

ANNO II POVOA DE VARZIM, DOMINGO 6 DE MARÇO DE 1892 27. 832-177

A HORRIVEL CATASTROPHE

OH! se morreja, como se lucha, como se vive e como se morre!
O mar com a magestade das suas ondas, efferecendo a opulencia dos seus thesauros, covida e atrahia. O pobre pescador que teve um bote humilissimo no palleiro da praia onde foi embaldado pelo oceano ingente e esdentado das vagas, afaz-se a encostar aquelle espaço enorme que tem por linha extrema o azul do ceo, e afolta-se a saltar para o bote! donde lançara as raizes e lançou na empresa de mil perigos um pouco de pão.

Triste destino! A vida que e ennamora e os lucros que se tentam, dão-lhe por lá e espera a valhies com os horrores da fome, as inclemencias da miseria, a areia por letto d'agonia, a rede por leito, a vela por mortalla, os remos e o alvido por epitaphio!.. Se affronta com mais audacia os perigos, a tormenta despeça-lhe o barco e o oceano abre-lhe na cova d'u' vaga a irremediavel sepultura!

Tal é a existencia e o destino do pescador!
Morreja, não da sol a sol, mas de perigo em perigo; lucha, não com os ardores do estio e os gelos do inverno, mas com o gigante que tem abytos e eminecia, baixos e roscas, pampiros e tormentas; vive no desconforto e na ansiedade; morre ao menor capricho da sorte!!!

E verdade que tem a ameigar-lhe a existencia o lar e a creança, a esposa e os filhos, tem a devoção pela imagem a quem dirige as proas e o enlucido pela familia para quem trabalha; mas da familia está elle ausente por largos espaços, cheio de indecisões e de incertezas; da esposa e dos filhos está elle de continuo despedi-do sem saber se e por ultima vez que lhes dá o ultimo Adeus; tem uma creança fervorosa na Virgem, mas como é inerente e futuro... as negras asas da tempestade toldam n'um instante o ceo e

o bramir da tormenta abafa a voz do mareante!.. E porque elle vive assim, a sua historia tem lances tragicos onde as dores e as lagrimas, a viver e a orphandade nos efferecem quadros tão desoladores como a presentam n'este momento a praia da Povoas de Varzim e da Afurada.

A' vista d'isto, corações generosos onde irradia a centella do Bem, transforme as lagrimas da vossa condolencia em soccorro aos vivos e suffragio a os mortos!

A horrivelissima catastrophe de 27 de febreiro cobria de angustias e de dor a villa e o espaço todo o pais da mais viva e sentida dor.

As lembranças essa tragedia parvosissima, que teve por eplogo a morte horrivel de mais de uma centena de honrados e laboriosos pescadores, e d'aquei a miseria de innumeras familias, a viuvez de muitas mulheres agoras ao desamparo e a orphandade de muitas creanças, que perderam quem em dor labutar e em medo de perigos laguntas, lhes guardava o sangue sacrosanto, se lembramos este horrivel e tristissimo acontecimento, nutramos sempre a alma de finto pensar e o coração repungem-se-nos de scintillantes compunctos.

E que nos parece vir ainda, logo ao principio da tarde d'aquelle dia funesto, os lamentos de mulheres que peroravam, como loucas, em meio da mais crecente afflicção, as ruas da villa, os caladros em desalinho, as mãos erguidas ao ceo, soltando gritos lancinantes, que commoviam até as lagrimas.

No Lapa, a multião enorme, que cubria o templo, suplicava, em altos lamentos e em choros convulsivos, a protecção do Altissimo para os infelizes que lutavam desesperadamente com as vagas alterosas e furas. Que scena tão triste, tão pungente, proemove então quem escreve estas linhas, que prosodia até a suas freguesas preses! Que compas não vivas e tão effluentes!

Nas Cuchinas então o espartilhado redobrava de lamentos; além de pi sobre o rosto da entarrocada preses a submergir-se, alguns

A grande tragédia marítima envolveu pescadores pobres e da Afurada e atingiu toda a colmeia piscatória.



Não houve lar onde não entrasse o luto.

Amanheceu. Olharam e não souberam o lugar em que se encontravam. Demandaram a costa e não reconheceram as terras que difficilmente dizaram. Deparavam só com altas penedias, de encontro ás quaes talvez, muito em breve, a pequena embarcação se iria espedaçar. Que momentos tão tristemente afflictos... Viram então soccorro da Providencia!—dois navios dirigirem-se para uma terra além.» Rapazes! remar com força sigamos a derrota d'aquelles navios e encontraremos entrada facil! Eia Deus é connosco? E elles lá foram e aportaram, são e salvos, a Villa Garcia.

Alli tiveram um magnifico acolhimento. A população d'aquella localidade recebeu-os de braços abertos, dando-lhes gasalho e pão. Prestaram-lhe magnificos servicos—notavel coincidencia!—uns abastados parentes do presbytero hespanhol padre Celestino Otero, fallecido n'esta villa.

Excerto da notícia publicada no jornal A Independência de 6 de Março de 1892.



Lápide evocativa da tragédia colocada actualmente nas traseiras da igreja da Lapa.